

Vão-se os ídolos, ficam os vilões

GUTENBERG GUARABYRA

O Congresso é o poder. Faz as leis — o que o deixa acima do Judiciário. Derruba presidente — o que o faz mais poderoso que o Executivo. Nunca foi perfeito, pois a democracia é exatamente uma maneira de fazer com que as imperfeições humanas possam conviver na política e resultar em um governo satisfatório, com uma boa governabilidade, que possa, mesmo sem agradar a todos, manter a nação indo em frente.

NO comunismo, o que acontecia era o que o poder emanava de um núcleo central que não dava a mínima chance que fossem discutidas as suas posições. Nenhuma questão importante era debatida em plenário. E o congresso de um país comunista acabava cumprindo apenas o papel de capacho.

No Brasil, o Congresso, apesar de ter, como instituição, toda a liberdade para exercer um poder vigoroso e útil, que alavancou o crescimento do País, escolhe o caminho do interesse próprio. O conjunto dos nossos deputados e senadores, com exceções cada vez menos encontradas, escolhe o caminho do enriquecimento egoísta, metendo a mão no dinheiro que não lhes pertence.

O que não é dado pelos outros poderes para o favorecimento dos interesses dos membros do Congresso, é conseguido através da votação de leis que só beneficiam aos próprios, ou de chantagem, como é

o caso da bancada ruralista que pleiteia o perdão da sua dívida, ameaçando o plano econômico, que é esperança de todos os brasileiros. Mostram-se, desta forma, incompetentes, pois não sabem usar o poder da bancada para forçar uma discussão honesta sobre o assunto e posterior conquista dos seus direitos. E, também, irresponsáveis, pois não medem, cegos por seus interesses mesquinhos, o prejuízo que causam a todos os outros patrícios e, muito menos, medem as consequências dessa bárbara chantagem.

E, o pior, é que este é apenas um exemplo de recente ato político escandaloso perpetrado pelo Congresso. Vivemos hoje num país que inventou a pior ditadura já vista. Uma ditadura que não pode ser chamada assim sob pena de se cair em contradição absoluta, já que é exercida justamente por quem é a garantia constitucional da própria democracia.

No caso do último grande ditador da Europa comunista, Ceausescu, da Romênia, vimos o quanto o mundo ocidental o bajulou quando ele, ao aproveitar as consequências do desligamento da influência da União Soviética, ato feito pelo seu antecessor, seduziu os governantes das grandes potências ocidentais a alimentarem o seu egoísmo com dinheiro e apoio político, num caso também típico de chantagem. E danava-se o povo que assistia, impassível, àquilo tudo.

Até que, além do poder, que lhe subiu extraordinariamente à cabeça, acrescentou-se à velhacaria do seu cérebro, a loucura. Foram tantos os seus desmandos que a população não mais tolerou aquilo. E o fim todos sabem.

Vejo hoje o nosso ditador, o Congresso, como um corpo que começa a dar exemplos de puro delírio, de doença mesmo. A recusa em reformar a confusa Constituição (Constituição que foi votada por quem não tinha direito, já que aquela época o povo tinha elegido um Congresso Constituinte que foi deposto pelos próprios colegas, numa votação que lesou a todos os eleitores e, em suma, o povo), além da absolvição dos culpados na CPI do Orçamento, são apenas alguns desses sintomas.

Estão brincando os nossos congressistas. E estão brincando numa hora delicada, pois este ano eleitoral mistura as grandes frustrações dos anseios populares àquilo em que a alma do povo se sente mais tocada: a derrota dos seus verdadeiros ídolos nos gramados e nas pistas.

Pode estar perto o dia em que o povo se canse, definitivamente, de ser a única consciência com sensibilidade bastante para chorar o Brasil se chocando em alta velocidade, de frente com os muros e demais obstáculos que impedem a sua felicidade.

■ Gutenberg Guarabyra é músico